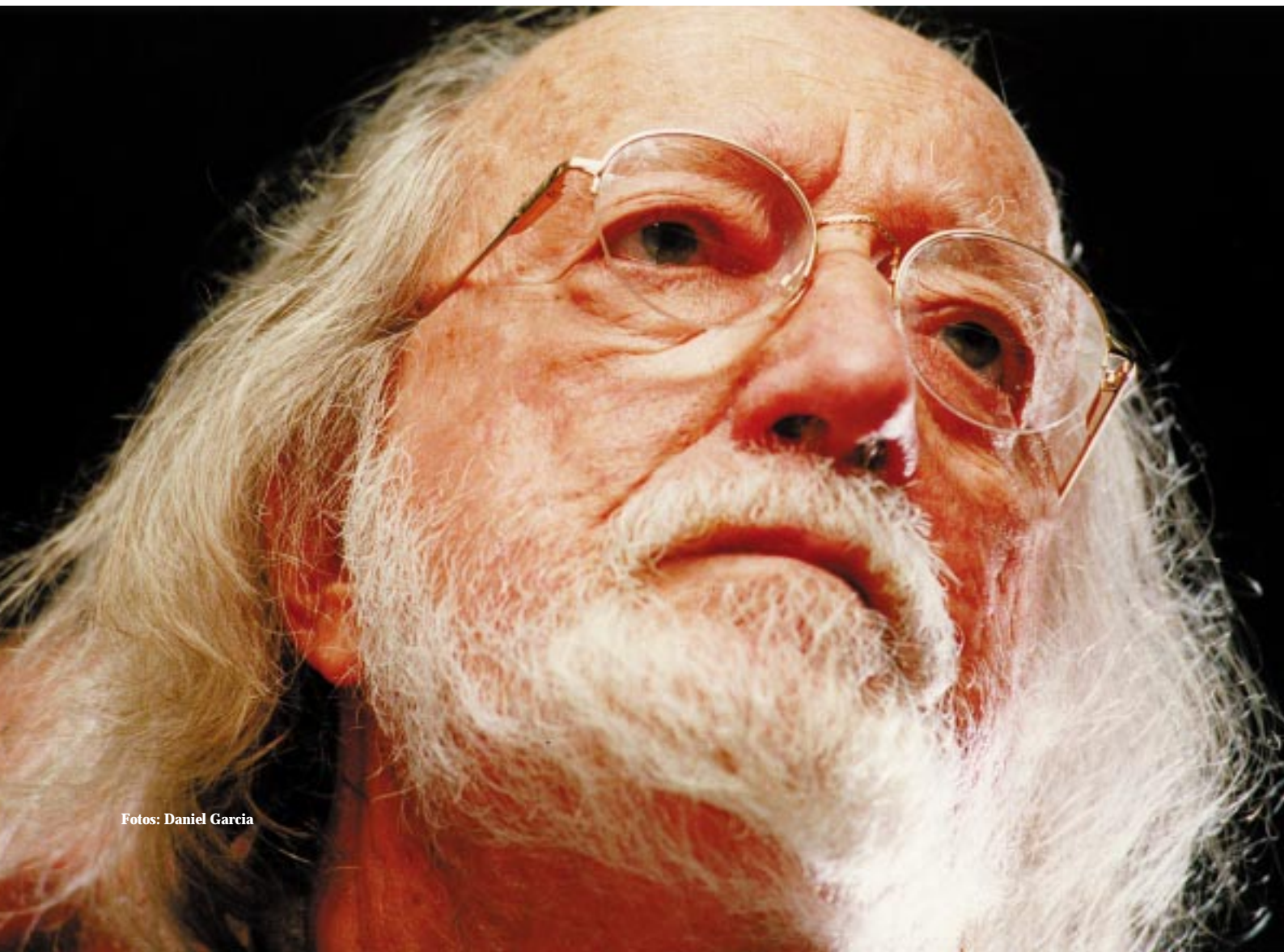


UM CIENTISTA

*Distinguido com o Prêmio
Leite Lopes reafirma seu compromisso*

Pedro Estevam
Editor da Revista



A ENGAJADO

*Prêmio Unesco de Ciências,
e o papel social do pesquisador*

da Rocha Pomar
Revista Adusp



professor José Leite Lopes, 81 anos, não tem papas na língua. Ao receber o Prêmio Unesco de Ciências 1999, durante a Conferência Mundial da Ciência, realizada em junho último em Budapeste, Leite Lopes honrou, uma vez mais, sua trajetória intelectual independente e seu temperamento combativo: no rápido discurso de agradecimento (que ele fez questão de ler em francês, “porque fala-se inglês demais”), não poupou o governo brasileiro, nem o empresariado nacional, nem a globalização cantada em prosa e verso.

— O pesquisador científico de um país em desenvolvimento deve defender a ciência, as universidades, a educação em geral das possíveis medidas de economia e falta de visão dos governos deste país, da falta óbvia de compreensão destes governos do caráter delicado e específico da ciência. É atualmente o caso de meu país, onde um governo presidido por um antigo professor universitário não acha fundamental apoiar a ciência e a tecnologia, as universidades públicas e institutos de pesquisa.

Se a pesquisa de novas tecnologias pode ser financiada pela iniciativa privada, prosseguiu o orador (contudo, “os industriais da América Latina nos ignoram solenemente”, assinalou à guisa de ressalva), a ciência fundamental depende exclusivamente do Estado, em países ricos como em países pobres.

Na chamada era da globalização, insistiu o pro-

fessor, os pesquisadores do mundo inteiro devem “defender vigorosamente” o papel central do Estado no apoio à pesquisa e à educação. “Globalização é só um eufemismo para designar a dominação imperial do mundo pelos países ricos”, os quais desejam “apagar a identidade de povos dos países em desenvolvimento”. Nada mau para uma cerimônia de entrega de prêmios!

Engajamento

Assim é Leite Lopes, o físico teórico que teima em tomar posição diante dos dramas sociais que afligem o Brasil e o mundo. Em 1976, quando a maior parte da América Latina vivia sob o tacão das ditaduras militares, e ele se encontrava na França, nomeado por Giscard D'Estaing professor titular da Universidade

PROFESSOR E ANIMADOR DA CIÊNCIA

José Leite Lopes, nascido no Recife em 1918, é indiscutivelmente um dos grandes nomes da ciência brasileira, e um dos pioneiros em sua área. Em 1945, aos 27 anos de idade, foi o primeiro brasileiro a conquistar no exterior o título de doutor (*Ph.D.*) em Física, na Universidade de Princeton (EUA), sob a orientação do afamado Wolfgang Pauli, Prêmio Nobel, ao tempo em que lá trabalhavam Albert Einstein e outros pesquisadores de renome.

Catedrático de Física Teórica e Física Superior da antiga Universidade do Brasil (mais tarde Universidade Federal do Rio de Janeiro) já em 1948, no ano seguinte fundava o CBPF, com César Lattes, Roberto Salmeron e outros, e tornava-se membro do Instituto de Altos Estudos de Princeton, a convite de Oppenheimer. Foi pesqui-

sador visitante do Instituto de Tecnologia da Califórnia (1955-1956), a convite de Richard Feynman. Exerceu diversos cargos importantes no Brasil, como o de diretor da Divisão de Ciências Físicas do CNPq (1955-1964) e o de coordenador do Instituto de Física da Universidade de Brasília (1962-1964).

O golpe militar de 1964 impôs um novo rumo à carreira de Leite Lopes. Demitiu-se do CNPq e tornou-se professor visitante da Universidade de Paris (Orsay), lá permanecendo três anos, até que voltou ao Brasil para retomar suas aulas na UFRJ, a pedido de estudantes. Ficou pouco tempo, pois foi punido pelo AI-5 e aposentado à força, perdendo ainda seu cargo no CBPF. Recebeu então convites de diversas universidades do exterior. Optou pela Carnegie-Mel-

lon, de Pittsburgh, onde não passaria mais do que um ano (1969-1970), pois sentia-se desconfortável nos EUA, em razão do envolvimento do governo americano com o golpe militar.

Na França

Preferiu transferir-se para a Universidade Louis Pasteur (Estrasburgo I), onde deu aulas de 1970 a 1985, tornando-se ainda vice-diretor do Centro de Pesquisas Nucleares daquela instituição (1975-1978). Foi nesse período que escreveu, entre outras obras, o livro *Fondements de Physique Atomique* (Fundamentos da Física Atômica), de que fala com orgulho, pois “muita gente estudou por ele”. Voltou ao Brasil em 1986. Ao todo, publicou mais de 20 livros, uma centena de artigos e 80 trabalhos científicos. Recebeu variados títulos, prêmios e condecorações,

Louis Pasteur, de Estrasburgo, publicou no *Bulletin of Atomic Scientists* artigo denunciando a perseguição de cientistas argentinos pelo regime liderado pelo general Videla:

“Um câncer político está se espalhando pela América Latina. Acabou de ocorrer um golpe de estado na República Argentina”. “Pelo menos 56 homens e mulheres (*nomeia vários deles*) ... associados ao Conselho Nacional de Pesquisa da Argentina foram sumariamente demitidos pelo 'interventor' do Conselho e pela junta militar”.

No artigo, Leite Lopes cita de passagem sua própria situação de perseguido político (foi professor universitário compulsoriamente aposentado pela Ditadura em 1969, com base no Ato Institucional número 5) e faz um apelo à comunidade científica internacional, aos cientistas, “para que digam ao general



Com seus alunos,
em Estrasburgo

no país e no exterior.

Recentemente, foram lançados dois livros sobre a obra e as reflexões de Leite Lopes. *Ciência e Liberdade: escritos sobre ciência e educação no Brasil* (Editora UFRJ, 1998, 288 p.), organizado pelo professor Ildeu de Castro Moreira, conta com depoimento de César Lattes, que faz as vezes de um prefácio. Além de artigos diversos, traz uma entrevista concedida a Ênnio Candotti em 1985 e preciosa iconografia, que inclui a reprodução de telas pintadas por Leite Lopes.

José Leite Lopes: idéias e paixões (CBPF, 1999, 142 p.), organizado pelo professor Francisco Caruso, da UERJ, é uma espécie de dicionário do pensamento do professor. Baseia-se em uma série de entrevistas realizadas em 1998, nas quais Leite Lopes foi convidado a tecer considerações sobre determinadas palavras-chave (exem-

plos: “academia”, “ciência”, “mulher”), que no livro assumem a forma de verbetes. Traz uma concisa e útil biografia do homenageado, da qual esta reportagem extraiu não poucas informações. Contribuição teórica

O próprio Leite Lopes considera que seus mais importantes trabalhos de pesquisa são dois artigos que publicou em 1958, relativos à teoria das forças nucleares. No primeiro deles, colocou em evidência a interação pseudoescalar. No outro, publicado na revista *Nuclear Physics*, propôs, segundo suas palavras no discurso de Budapeste, “antes dos trabalhos importantes de Steve Weinberg, Abdus Salam e Sheldon Glashow, uma primeira tentativa de verificação eletrofraca enquanto admitia a igualdade de constantes de interação fraca e eletromagnética para estimar a massa dos bósons W vetoriais”.



“Propus a existência de um bóson fraco neutro, aquele que é chamado o bóson Z_0 . Isso deveria ser posto em evidência em colisões elásticas elétron-nêutron, em época em que o neutrino muônico não era caracterizado ainda e não era usado em feixes”.

Francisco Caruso afirma que, a partir desta hipótese, “Leite Lopes nos deu a primeira avaliação correta da massa dos bósons vetoriais”. A hipótese levantada por Leite Lopes, da existência da partícula neutra bóson Z_0 , foi confirmada por experimentos posteriores.

Jorge Videla, chefe da junta militar, que estes atos são incompatíveis com a civilização e com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, e que peçam que estes cientistas sejam reintegrados a seus empregos”.

Nacionalismo e lutas sociais

Como se vê, o engajamento do professor nas questões políticas e sociais não é recente. Ele pertence à geração de pensadores fortemente influenciada

pelo nacionalismo e pelas lutas sociais das décadas de 40, 50 e 60. Chegou a fazer parte do Conselho de Curadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), criado por Juscelino Kubitschek para atrair a intelectualidade de esquerda para seu projeto nacional-desenvolvimentista.

Intelectualidade e Oposição

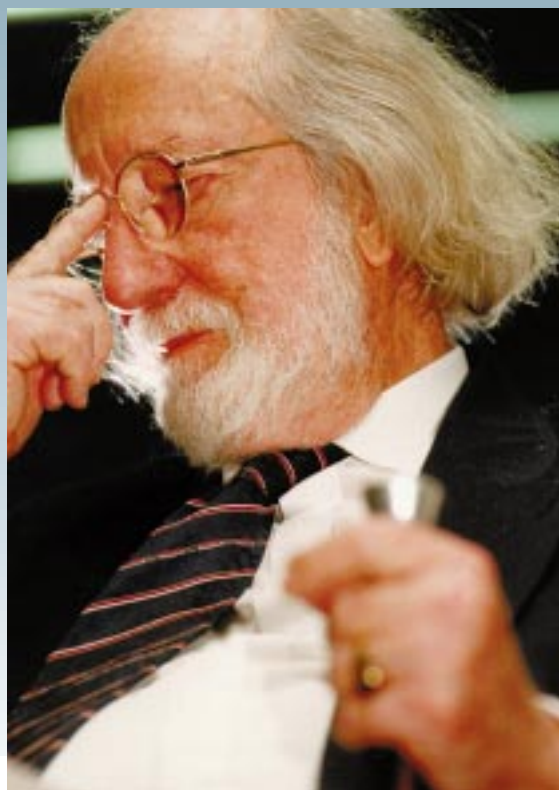
“Em ciência como nas artes, o intelectual em geral é muito ruim, porque como depende de ajuda do governo para suas bolsas de estudo, suas verbas, seus programas, muitos deles têm medo de falar e perder os privilégios. Este é o problema. Mas que interesse tem um projeto pessoal desse tipo quando ao lado você vê o Brasil tomando um rumo completamente anormal?”

“A Oposição é muito fraca. Não sei se foi o regime militar que liquidou a formação de líderes políticos. Não temos grandes políticos que tenham programas, que inspirem confiança para uma mudança. A intelectualidade deve denunciar todos esses programas falsos que são anunciados pelo governo atual. O fato de que se liquidou o patrimônio público. O abandono a que está sendo relegada a universidade. As ilusões: ‘toda criança na escola’, ‘apoio à pesquisa’ etc. Mas na prática não há apoio à pesquisa”



O Plano Plurianual de FHC

“Ele precisava fazer alguma coisa, porque foi reeleito numa atitude vergonhosa. Deixou de fazer reformas, um programa de desenvolvimento, em favor do projeto de reeleição. Então o prestígio dele decaiu. Aquele espetáculo foi como uma reação à sua queda de popularidade. Ele apresentou um programa que os especialistas vão analisar: o que é possível, o que não é possível. Mas pode ser que seja uma ilusão”



O Prêmio Unesco

“O premiado, em geral, é o último a se pronunciar sobre isso, porque a decisão foi lá da Unesco. Acho que houve generosidade da parte do júri internacional da Unesco. Se mereço ou não, já é outra história. Foi bom, de qualquer maneira foi entregue na Conferência Mundial sobre Ciência realizada em Budapeste, onde quase todos os países se fizeram representar por delegações. Houve uma delegação do Brasil, mas não participei dessa delegação, nem fui chamado. Eu fui por convite da Unesco”

Na entrevista que concedeu no início de setembro à Revista Adusp, no Rio de Janeiro, em sua sala no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), instituição que fundou há 50 anos, Leite Lopes demonstrou que mantém a verve e o espírito crítico. Quando lhe perguntamos se a intelectualidade brasileira não havia se mostrado muito dócil diante do governo que assumiu em 1994, ele foi direto ao ponto nodal da discussão.

— Em ciência como nas artes, o intelectual em geral é muito ruim, porque como eles dependem de ajuda do governo para suas bolsas de estudo, suas verbas, seus programas, muitos deles têm medo de falar e perder os privilégios. Este é o problema: há uma falta de energia da parte de grande número de intelectuais, com medo da reação do governo em relação aos projetos que possam ter. Mas que interesse tem um projeto pessoal desse tipo, quando ao lado você está vendo o Brasil tomando um rumo completamente anormal, de alienação da riqueza, de alienação da Companhia Siderúrgica Nacional, da Vale do Rio Doce, da Petrobrás, e de desmatamento da Amazônia?

Hegemonia dos EUA

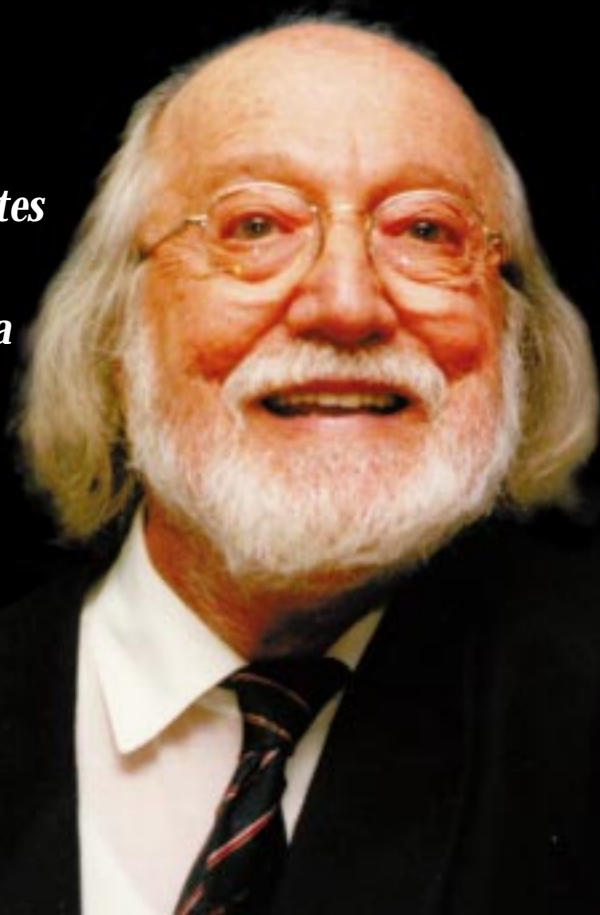
“Os EUA são a potência que restou da Guerra Fria e têm demonstrado muitas vezes, por exemplo, que não obedecem à Corte Internacional de Haia, que já fez resoluções que os EUA não adotaram. Há uma lei americana que castiga as empresas do mundo inteiro que tenham comércio com Cuba, como se a lei americana tivesse validade internacional. No fundo, a globalização é um novo nome para o imperialismo americano”

Ciência, a Lua e a fome

“A ciência e a tecnologia foram importantes até agora, mandaram o homem à Lua. Mas foram impotentes para acabar com a miséria no mundo. Então proponho que entre os compromissos assumidos pela Conferência Mundial da Ciência para o século 21, além dos compromissos científicos, haja uma vontade política para acabar com a fome e a miséria”

Ensino e pesquisa

“Toda universidade só tem o nome ‘universidade’ se for um lugar de pesquisa, criação de conhecimento. Quando você dá aula, se é um pesquisador, suas aulas são diferentes das do outro, que não é pesquisador. Porque o que não é pesquisador vai procurar nos livros poeirentos o que foi, e o pesquisador dá conhecimentos antigos, clássicos, mas como ele pesquisa, apresenta de uma maneira sempre nova. Qual é a universidade privada no Brasil que adota pesquisa? Que eu saiba, nenhuma”



A globalização e a mídia

“Os meios de comunicação são cúmplices do processo de globalização. Você não vê nenhuma reportagem denunciando os escândalos que existem por aí. Eles procuram algum escândalo menor, falam, e depois silenciam sobre o tema. Se essa cumplicidade envolve interesses maiores, econômicos, não sei. Provavelmente, porque é inconcebível que a imprensa não defenda com rigor os interesses do país”

Indústria e pesquisa

“Você vai ao industrial e faz um programa de pesquisa. O industrial em geral não apóia. Vai apoiar pesquisa em matemática? Em astronomia, em cosmologia? Certamente que não. A pesquisa aplicada, a tecnologia, seria natural que ele apoiasse. Mas isso ele também não apóia. Porque eles se contentam em comprar caixas-pretas, os pacotes. Compram e põem em movimento aqui”



Leite Lopes na USP, em novembro de 1998, durante simpósio internacional em homenagem ao seu 80º aniversário

Ilusão e desengano

Chega a espantar, nesse ancião empertigado, lúcido, de fala pausada e discreto acento nordestino, o apurado grau de informação sobre as questões da atualidade. Se nutre alguma animosidade pessoal contra aqueles que critica, não deixa transparecer: a natureza dos ataques que faz é claramente política, ou filosófica. As considerações ferinas emprestam maior contundência à crítica, mas esta é direcionada ao essencial dos problemas, à sua raiz. Exemplo de tal atitude é o seu modo de ver a gestão de Fernando Henrique Cardoso:

— No início, o presidente enganou, porque tem um passado acadêmico. Se pensava que ele, considerado proveniente dos grupos de esquerda, pusesse em ação um programa da social-democracia legítima. Mas isso foi uma ilusão muito grande. Acho que toda pessoa que pertence a um Estado, a uma nação, tem laços de afetividade com esta nação e um certo nacionalismo defendendo os interesses do país. É grave quando você é de um país e tem nacionalismo por outro país.

— O sr. enxerga isso neste governo?

— Certamente. RA